

05. Cemitério Paulo Freire: pensar a vida a partir da sua ausência

Henrique Vaz (Universidade do Porto)

A evocação do espaço físico do cemitério numa intervenção com características artísticas é o pretexto do retorno a um lugar urbano que, regra geral, apenas habitamos para saudar a despedida e a tristeza a ela associada. Não passeamos, por regra, num cemitério porque não entendemos a despedida como uma celebração, antes a associamos à dor da ausência, ao fim da presença, ao início de um novo modo de vivenciar alguém, agora sem interlocução direta, agora lançando as perguntas e imaginando, não mais do que isso, as possíveis respostas. E este exercício de imaginação é uma oportunidade, uma exploração que o(a) ausente nos consente, mas é sobretudo um exercício de presentificação da ausência, no que ele simboliza dos significados que somos capazes de atribuir a uma presença que já não tem presente.

Em todo o caso, se somos capazes de esboçar este exercício a partir da ausência, tal também significará não se tratar verdadeiramente de uma ausência, mas possivelmente de um outro tipo de presença. Esse outro tipo de presença, que somos capazes de construir num exercício de deslocação de si, de interpelação de um outro si sem respostas, a não ser as que nós próprios construimos, esboça uma configuração generosa ao saber estar, estar que transcende a fisicalidade, mas que não deixa, por isso, de ser físico; a experiência da ausência é ainda *uma* experiência nos termos em que John Dewey (2005) a concebe, enquanto exercício de consumação e não de cessação. A morte pode ser entendida não como um fechamento, mas antes como uma recriação e esta recriação é sempre um espaço de fragilidade do sujeito, mas, simultaneamente, de recomeços, de trabalho sobre si.

E é esta tensão da morte enquanto espaço de fim, mas igualmente espaço de aberturas – a angústia do “a última vez que falamos, discutimos”, “lamento não ter exprimido mais claramente o quanto...” – que alimenta esta recriação porque os ausentes ganharam o privilégio de não mais terem de se explicar; esse trabalho ficou connosco. Mas só fica connosco se quisermos (continuar a) entendê-lo assim, no registo do explicativo. Esta tensão entende-a bem a arte, que não procura soluções, que não tem respostas adequadas, que indaga mais do que ignora, que problematiza mais do que soluciona.

O espaço físico do cemitério, que esta proposta artística (nos) desafia, interpela-nos para além desse espaço, constrói sentidos renovados para a própria vida, o oposto da “morte em vida”, de que fala Freire. Ao incomodar-nos, vitaliza-nos; ao dessacralizar a morte, confere-lhe uma relação de intimidade com a vida; ao deixar-nos mais pobres, confere à pobreza uma atenção redobrada, aquilo que, na sua pedagogia pobre, Jan Masschelein (2008) identifica como a falta de intenção, o oposto de estar ausente.

Tornado ao cemitério (porque, em boa verdade, não se tratou de um re-torno) para bater a minha chapa fotográfica, entrei nele com um propósito distinto daquele que a ele, por norma, sou levado. Impressionou-me a grandiosidade, o sentido forte da “última morada”, a acusar o fazer-se presente mesmo depois de não estar presente, mas também a generosidade dos que ficam, generosidade expressa nos modos que os cordões da bolsa autorizam, certamente (a imagem de condomínio fechado é forte, incontornavelmente). No meio de tanta expressão artística, de tanta angular marmoreada, foi a construção mais megalítica que existia dentro deste espaço que mais captou a minha atenção. Esta construção – o ossário do cemitério – datada ainda de finais do séc. XIX, parecia destoar do arranjo geométrico e estético do resto do recinto.

Foi o seu descaso arquitetónico na imagem de conjunto, mas, igualmente, o que ele simboliza – o destino terminal de qualquer resquício do ser físico, o espaço onde todos se confundem – que mais realçou, para mim, a impressividade deste espaço, quiçá, a verdadeira *casa comum*. Sim, porque, tudo aquilo que antes discorri em torno do pensar a vida a partir da sua ausência se configura num outro espaço, aquele dos nossos pensamentos, onde os ausentes se fazem presentes (para nós e do modo que nós entendermos).

Referências

- Dewey, J. (2005). *Art as Experience*. New York: Perigree Books.
- Masschelein, J. (2008). E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação & Realidade*, 33(1), 35-48.